

## SUSPENSE À BRASILEIRA

Flávio Moreira da Costa define de imediato o projeto de sua última novela. Desde o título até a inclusão de afirmações do estilo "Se existisse, escritor de romance policial no Brasil iria morrer de fome", ele patenteia a intenção de se filiar a um gênero em voga: o das histórias que giram em torno ao crime internacional organizado.

Assim sendo, se o narrador acredita ser impossível a sobrevivência do romance policial brasileiro, o autor, Moreira da Costa, encarrega-se de desmentir a frase e o preconceito nela contido. Constrói uma narrativa de suspense, com todos os ingredientes de praxe: há mistério, conquistas amorosas, perseguições variadas, quebra-quebra e, ao final, o triunfo da justiça e dos bons.

O modelo que elege é o da narração de atividades criminosas e ilegais que, nos últimos tempos, tem se socorrido de componentes como espionagem, intriga internacional, conspirações políticas, atentados terroristas de direita e esquerda. Ian Fleming, com o agente 007, inaugurou a série, nos anos 60, mas o prestígio do gênero cresceu graças às suas adaptações cinematográficas e ao contingente de seguidores e imitadores que suscitou. Mais tarde, nos anos 70, a Máfia, as organizações neonazistas, as instituições paramilitares, os escândalos internacionais, os objetos voadores não identificados, etc., povoaram os livros e ampliaram o leque de opções dos leitores, permitindo que autores como Mario Puzo (de *O poderoso chefão*), Ira Levin (de *Os meninos do Brasil*), Harold Robbins, autor de inúmeros sucessos de venda, conquistassem fama rápida e muito dinheiro.

Livros como esses, conhecidos como *best-sellers*, pareceriam, em princípio, vetados ao escritor de um país de terceiro mundo, de um lado, porque o tema não lhe daria respeito, uma vez que fala de uma realidade fora de seu alcance, de outro, porque a ele tocaria missão literária (ou ideológica) mais séria, mais compatível com sua circunstância de artista de uma nação pobre e atrasada. Porém, pelas mesmas razões, o espaço permanece a descoberto, enquanto que as livrarias (e os leitores) vão sendo invadidos por traduções de obras estrangeiras, prejudicando o mercado do escritor nacional e intensificando o colonialismo cultural de que os países do terceiro mundo são vítimas.

O projeto de Flávio Moreira da Costa está relacionado a recuperação do terreno, o que já principiara antes, com *A perseguição* — Eu vi a Máfia de perto, romance-reportagem publicado em 1973. Agora, ele o leva avante, ao escrever uma história com todos os elementos do gênero policial, mas com sabor brasileiro.

Seu herói é o jornalista Mário Livramento, que, já tendo tido contatos esporádicos e ocasionais com nazistas vivendo clandestinamente no Brasil e na América do Sul, resolve investigar as atividades da organização que estaria por trás daqueles homens — a Odessa, a poderosa, e na mesma proporção ilegal, máquina que sustentaria o reerguimento do Reich alemão no Ocidente.

É combate de David contra Goliás, mas o intemorato Livramento não desiste, reunindo os dados — fornecidos por personagens reais e imaginárias — de que se constitui a novela assinada por Moreira da Costa. No decorrer de sua pesquisa, encontra-se frente a frente com as forças do Mal e enfrenta-as com as armas de que dispõe. E estas são muito mais a improvisação e a astúcia, que a força física ou a tecnologia sofisticada, que não possui e que estão fora de seu alcance.

São a personalidade e os métodos surpreendentes de Mário que caracterizam o modo brasileiro de escrever a narrativa de suspense. Todavia, o livro não se orienta para a caricatura ou para a paródia, nem o pretende. É sério à sua maneira, isto é, segundo os moldes do enredo de aventuras que escolheu. E dentro dos quais é bem sucedido, realizando uma história policial moderna que nenhum aficionado do gênero deixará de aprovar.

Regina Zilberman

## SÉMIOLOGIE DE LA POÉSIE

Após a febre das fantásticas análises de texto da década de 70, parece que, finalmente, os estudos literários, sem abrir mão de sua rigorosidade, começam a se dar conta de que o autismo cansa e que o leitor existe. E que este leitor gosta de ler e de procurar um sentido no texto em vez de se enredar num círculo de fórmulas e palavras a que só uns poucos iniciados têm acesso. O novo livro de Michael Riffaterre, *Sémiotique de la poésie*, não se prende especificamente à problemática do leitor, mas sabe de sua existência e da dialética que se estabelece entre ele e o texto. Seu princípio de base consiste em "não levar em conta senão os fatos acessíveis ao leitor e percebidos em relação ao poema concebido como contexto específico e fechado".\*

Sem abdicar das lições do estruturalismo, nem do uso de alguns termos como hipograma, agramaticalidade, significância, Riffaterre consegue fazer, no entanto, deste livro uma leitura instigante e até mesmo agradável, mesmo para os que sentem calafrios diante dessa linguagem. O autor não se perde no exercício de contemplação dessas palavras com que tantar-se desvendar o sentido dos textos. O mais importante é que ele prova ser possível o estudo dos autores mais complexos como Mallarmé, Eluard, Breton, Apollinaire, e outros, sem a intervenção de fórmulas esotéricas. Não existem textos misteriosos desde que seja ultrapassada a fase da mimese, da leitura linear, da busca de uma representação. Sem cair nos extremos, a formalização ou a paráfrase, consegue esclarecer determinados poemas ou imagens tidos como verdadeiros enigmas, tais como o famoso "ptyx" de Mallarmé, o "prince pluvieux" de Pierre Jean Jouve, ou "les armoires vides" de Eluard.

Para se entender poesia é preciso primeiramente se ler muita poesia. Esta é a lição repetida subliminarmente durante todo o livro. Muitas vezes o estudante de Letras (quando não professores) prefere ler os teóricos aos poetas. Sem o conhecimento de Victor Hugo, Gauthier, Baudelaire, como chegar a Mallarmé? O cruzamento de textos, ou a intertextualidade, é inevitável nos estudos literários. Imagens que vêm condensadas em determinados autores encontram uma melhor explicação se tivermos conhecidos dos textos que os antecederam. A obscuridade não é senão o resultado de nossa ignorância. O que interessa a Riffaterre não é o signo em si, mas o sistema de que faz parte. O que é incompreensível no plano da mimese é o que constitui o sistema significante no plano semiótico. A resposta será dada pela intertextualidade. A produção do sentido não se faz

\* "Mon principe de base consistera donc à ne pas prendre en compte que les faits accessibles au lecteur et perçus en relation avec le poème conçu comme contexte spécifique et clos" (p. 12).

de uma vez e para sempre, o que seria desconhecer o funcionamento da palavra poética. "A significância do poema não está enterrada em profundezas inacessíveis: ela reside no fato de que o poema é uma variação sobre um motivo. Sendo o motivo semântico, não estamos diante de uma variação musical, mas de um logogrifo".\*\* diz Riffaterre.

Conforme os princípios de Mallarmé, a poesia deve desafiar o leitor durante algum momento, mas não indefinidamente. O que faz o autor de *Sémiotique de la poésie* é seguir este princípio e nos mostrar que o poema resulta da transformação de uma palavra, de uma frase ou de outro texto. Há sempre uma matriz que o gera, latente, e que, uma vez descoberta, ofereça-nos a chave da interpretação. Resta-nos aceitar o desafio.

Michael Riffaterre, sem fazer da teoria um fim em si mesma, consegue nos dizer que é possível o estudo do texto, sem cair na celebração da metalinguagem. O vocabulário usado, embora ofereça uma certa resistência logo nas primeiras páginas, não chega a ser um obstáculo intransponível, pois, além de ser reduzido, torna-se de fácil entendimento à medida que avançamos na leitura. Não se trata, porém, de um livro para iniciantes, mas para os que já se tinham desiludido com este tipo de estudos, por não se contentarem com modelos de análise reducionistas.

RIFATERRE, Michael. *Sémiotique de la poésie*. Paris, Seuil, 1983.

Antônio Carlos Viana

## AS ESTRUTURAS LEXICAIS

O livro de Margerida Basílio, como seu título diz, trata do estudo das estruturas lexicais do português em uma abordagem gerativa. Nele a autora elabora uma análise desse componente da gramática do português nos moldes da hipótese lexicalista desenvolvida nos Estados Unidos a partir de 1970, constituindo, assim, a obra uma contribuição valiosa em prol de uma teoria que dá conta da competência do falante nativo no léxico de sua língua e na divulgação da mesma entre os estudiosos da língua portuguesa.

Os dois primeiros capítulos apresentam o embasamento teórico da hipótese lexicalista e situam os estudos de morfologia na gramática tradicional, no estruturalismo e no transformacionalismo, enquanto que no terceiro capítulo a autora expõe sua proposta para o desenvolvimento teórico da morfologia derivacional. No quarto e no quinto capítulos, analisam-se respectivamente a nominalização e os agentivos em -dor, numa aplicação ao português dos pressupostos teóricos que serviram de base ao estudo da nominalização na língua inglesa pela literatura especializada. No sexto e último capítulo, discutem-se alguns aspectos formais envolvidos nas propostas apresentadas, explicitam-se pontos que a autora considera merecerem maiores especificações e, à guisa de conclusão, abrem-se caminhos para o desenvolvimento de pesquisas concernentes ao léxico. Acrescentam-se ainda um apêndice contendo listas de nomes morfológicamente básicos, nomes deverbais e verbos sem contraparte nominal e uma bibliografia ressaltando as obras a cuja linha de investigação se filia Basílio, além de outras de importância histórica para os estudos da morfologia derivacional.

\*\* "La signification du poème n'est pas enfouie dans des profondeurs cachées: elle réside dans le fait que le poème est une variation sur un motif. Le motif étant sémantique, il ne s'agit pas d'une variation musicale, mais d'un logogrife" (p. 204).

A autora afirma que os estudos de morfologia derivacional propriamente dita se efetivaram com o advento da hipótese léxicalista, em 1970, quando Chomsky, em seu artigo *Remarks on nominalization*, admite que nominais derivados se inserem diretamente na estrutura profunda, em oposição ao que postulava a teoria gerativa transformacional em seus primeiros estágios, para a qual as nominalizações eram derivadas por meio de transformações. Entre as propostas que se seguiram a este novo enfoque, Margarida Basílio resalta a de Morris Halle, a de R. Jackendoff e a de M. Aronoff. No seu artigo *Prolegomena for a theory of word formation*, de 1973, Halle sustenta que o léxico consiste de uma lista de elementos básicos e de um sistema de regras de formação de palavras, cujo produto passa por um filtro com função de atribuir traços idiossincrásicos aos itens léxicais. Jackendoff, em seu artigo *Morphological and semantic regularities in the lexicon*, datado de 1975, identifica o léxico com um conjunto de entradas léxicais e um conjunto de regras de redundância léxical, cujo papel é relacionar entradas léxicais a partir de regularidades fonológicas e sintático-semânticas. Já Aronoff, em seu livro *Word formation in generative grammar*, de 1976, levanta o problema da produtividade léxical, negligenciado pelos seus antecessores; ao explicar o fenômeno do bloqueio, define a capacidade do falante de formar novas palavras em sua língua, uma vez que apenas as regras produtivas determinam a redundância léxical.

Após analisar criticamente estes modelos, ressaltando-lhes as vantagens e inadequações, Margarida Basílio faz a proposta de que regras produtivas de formação de palavras se distinguem das regras que analisam a sua estrutura interna. Enquanto que nos modelos anteriores se privilegia apenas um aspecto da morfologia derivacional — regras de redundância léxical, para Jackendoff, e regras de formação de palavras, para Aronoff —, ao propor Margarida Basílio dois tipos de regras, relacionadas, mas distintas, solucionase dessa forma o problema da coexistência de construções novas ao lado de formações estratificadas. Para a autora, uma regra de formação de palavras terá sempre uma regra de redundância ou de análise estrutural como contraparte, admitindo assim que, além das contrapartes de análise estrutural das regras produtivas de formação de palavras, há regras de análise estrutural que tratam da estrutura de palavras morfologicamente complexas. Diferentes tipos de relações paradigmáticas no léxico influem no teor de aplicabilidade de regras de análise estrutural a radicais específicos, assim como na produtividade de alguns sufixos e nas condições de operações de regras de formação de palavras sobre radicais presos. Em oposição aos sistemas flexionais, em que as regras são caracteristicamente produtivas, com paradigmas bem definidos, na morfologia derivacional as regras se apresentam como caracteristicamente semiproductivas, com paradigmas semi-sistemáticos.

Ao propor que a nominalização consiste em uma relação paradigmática geral entre verbos e nomes no léxico, Margarida Basílio rejeita a idéia tradicional de serem os verbos básicos nas nominalizações — termo que para ela cobre não apenas nomes deverbiais, mas também nomes morfologicamente básicos — e recusa igualmente serem estas associações idiossincrásicas próprias de determinadas entradas léxicais.

Com base em dados morfológicos do português, apresenta-se a seguir um padrão geral para a nominalização, segundo o qual qualquer verbo deve ter um nome a ele associado no léxico. Os casos de exceção, irrelevantes e estatisticamente não representativos, se devem a fatores específicos, como a pertença à linguagem coloquial desses verbos (*botar, enxergar*) e o bloqueio pela existência no léxico de outro vocábulo sinônimo (a falta de contraparte nominal para *querer* se justifica por já haver no léxico a palavra *vontade*). Esse padrão derivacional geral vem expresso pela fórmula  $[X]_V \rightarrow [X]_V + [X]_N$  em que a seta unidirecional indica que a relação é unilateral, não se esperando que todos os nomes tenham verbos associados e a seta bidirecional expressa o fato de que o nome associado ao verbo não é necessariamente um nome deverbal. Essa

formulação explica os percentuais depreendidos nos dados do apêndice e também que os nomes morfologicamente básicos possam ter uma interpretação verbal do mesmo modo que nomes verbais tenham uma interpretação verbal e nominal, fenômenos estes que eram tratados em propostas anteriores como idiossincrasias.

Quanto à amostragem dos pares N/V em português, que se encontra em apêndice, nem sempre ficamos de acordo com a interpretação que lhes foi dada, como por exemplo no que concerne aos nomes morfologicamente básicos *coleção* e *jogo* que aparecem interpretados apenas como nomes, uma vez que julgamos que em frases do tipo *faço coleção de selos, assisti a um jogo de futebol* eles têm uma interpretação verbal.

No que diz respeito aos verbos sem contraparte nominal, parece-nos que a teoria sairia fortalecida se tivesse sido desenvolvida a possibilidade que tem todo verbo de ser usado como nome, sem nenhuma operação fonológica, apenas com artifícios sintáticos. Por outro lado, estranhamos a exclusão dos nominais *acabamento, achado, feito, façanha, seguro, segurança, essência* como contrapartes aos verbos *acabar, achar, fazer, segurar, ser*, apresentados no apêndice. Lamentamos ainda não terem sido explorados no capítulo que trata nominalizações casos em que no léxico se relacionem ao verbo nomes morfologicamente básicos paralelamente a nomes deverbiais (*acolhimento/acolhida; cola/colagem*, etc.), por considerarmos que sua interpretação muito enriqueceria a proposta da autora.

Na investigação da nominalização referente a agentivos em -dor do português, Margarida Basílio rejeita o modelo de Aronoff, segundo o qual os produtos de regras de formação de palavras devem apresentar uma especificação única quanto à categoria léxical maior e sustenta ela, em contrapartida, a hipótese de que entradas léxicais podem ter mais de um traço categorial. Somente desta maneira pode-se generalizar o processo de formação de agentivos em -dor em português, de forma a abranger casos como 1) *produtor, vencedor* (+N, +Adj); 2) *governador, ventilador* (+N) e 3) *tentador, promissor* (+Adj). Além disso, essa postura da autora com relação ao português vem fornecer uma descrição mais adequada em inglês para pares N/V fonologicamente idênticos, servindo assim de suporte à proposta de Chomsky, de 1970.

Além do valor inestimável do livro por introduzir uma linha de vanguarda na pesquisa lingüística brasileira, vale apontar para uma qualidade que se destaca na exposição de Margarida Basílio, queremos falar de sua clareza e de seu caráter didático. O livro se estrutura como um todo coerente e não lhe faltam transições, feitas geralmente sob a forma de introdução aos capítulos, em que não apenas se reata o fio da meada e se fazem ligações do que já foi exposto com o que vai ser explicitado, mas também se procede a uma síntese elucidativa do que vai ser desenvolvido. Ademais, a apresentação de um sumário conclusivo que resume as deduções mais importantes do raciocínio vem contribuir para clarear a estruturação da obra.

A parte gráfica da publicação é bem cuidada, entretanto sugerimos que a gralha que subsiste à linha 11 da página 81 seja corrigida em edições posterior, assim como o erro tipográfico da linha 4, à página 97: (30) em vez de (3).

BASÍLIO, Margarida. *Estruturas léxicais do português: uma abordagem gerativa*. Petrópolis, Vozes, 1980.

Celina Scheinowitz

Acaba de ser lançado pela Ática o livro de Eleonora Motta Maia, *No reino da fala, a linguagem e seus sons*.

Entre os méritos deste livro, cabe assinalar o de desenvolver a capacidade crítica do leitor, proposta tão descuidada pelos "detentores" do saber. A autora consegue, através do recurso de contrapor os argumentos de dois protagonistas imaginários, usar a dialética de uma forma aplicada, combatendo o dogmatismo. A preocupação ideológica de Eleonora Motta Maia, sempre presente, se faz sentir, pois, no próprio método empregado na exposição: é um combate constante aos dogmas e vai de encontro a outra postura científica sobre a obrigatoriedade de um e apenas um paradigma científico num determinado momento histórico.

Acresce que a autora consegue chegar ao leitor temas de complexidade crescente, desde as análises espectrográficas dos sons da fala, operadas pela física acústica, até problemas epistemológicos sobre as relações entre linguagem e fala, a velha polémica entre racionalismo e empirismo e os aspectos ontogenéticos do desenvolvimento da linguagem. Isto, mercê do método acima referido e do fato de sempre ter em vista um leitor presente ao qual se dirige, numa linguagem até afetiva. Quem estiver contaminado pelo ranço do convencional poderá ficar chocado pela riqueza de metáforas e pelo estilo às vezes poético não usual em textos "científicos", esquecido dos multissimos recursos utilizados por F. de Saussure em sala de aula para ensinar suas dicotomias.

Finalmente, e não de menor peso, o mérito da atualização de informações.

O livro está organizado em dez capítulos, mais um glossário. Em "Descobrimo a fala" (1º cap.), a autora procura fazer com que o leitor descubra qual a principal função da linguagem e quais as ciências que a estudam e o por que de a fala ter sido privilegiada em relação a outros sistemas possíveis.

No cap. 2, "Explorando intuitivamente os sons do português", são introduzidos através da língua conhecida, os símbolos do Alfabeta Fonético Internacional e a transcrição fonética até o nível da sentença. O cap. 3, "Entre o físico e o psicológico", debate o problema da distinção entre o contínuo e o discreto, que voltará em outros passos da obra. O cap. 4, "Incursoes pelo terreno do físico", é uma apresentação acurada da fonética acústica, enquanto "Revivendo um velho dilema" (cap. 5) discute o tratamento fonológico. Continuando o debate entre continuidade e segmentação, no cap. 6, "A fala e a linguagem", a autora introduz o tratamento supra-segmental da cadeia da fala, com teorias recentes como a teoria métrica da proeminência relativa. A polémica entre formalistas e funcionalistas é apresentada no cap. 7, "A forma e o uso", inspirada no sempre atual Câmara Jr. O cap. 8, "O teórico e o empírico", reacende o debate racionalismo vs. empirismo e o cap. 9, "O estático e o dinâmico", aborda o problema da variação lingüística. Finalmente, no cap. 10, "Olhando para o futuro", a autora pontilha suas reflexões com observações sobre o contexto sócio-econômico-cultural em que opera o cientista brasileiro, em geral, necessitado do aval de teorias alienígenas, por sofrer do mal crônico da insegurança e do descrédito, intencionalmente manipulados.

Ao final, um glossário em linguagem acessível, para facilitar a compreensão, interpretação e retenção do texto.

MAIA, Eleonora Motta. *No reino da fala, a linguagem e seus sons*. São Paulo, Ática, 1985.

Leonor Scliar Cabral

*Kinaxixe e outras prosas*, de Arnaldo Santos (Editora Ática, 1981, São Paulo), são contos e crônicas sobre uma Ângela ainda subjugada ao colonialismo português. Neles desfilam cangundos (brancos de baixa condição social), quitatas (prostitutas), monandengues (crianças) e negros miseráveis; ou, ainda, mulatos e monandengues mulatos que, socialmente melhores posicionados, tentam a todo o custo negar a sua condição étnica.

Os contos e crônicas de Arnaldo Santos sofrem de um crônico idealismo e ufanismo típicos de um país (ou de um grupo social de um país) que anda à cata de afirmação social num contexto de dominação. A mitificação de personagens, lugares e consciências é a saída para aquilo que não existe concretamente.

No conto "Despertar", Gigi, protagonista de vários outros, após brigar com um menino de condição social inferior à sua, subitamente desperta a sua consciência para a condição de seu adversário, perguntando-se o que ele teria para defender com tanta avidez — talvez "devia ser alguma coisa abstrata, assim como uma atitude perante a vida, uma noção de liberdade, ou talvez a sua própria condição de ser livre e poder reivindicar" (p. 69). Na crônica "Bairro operário não tem luz", o autor faz um jogo de contraposição entre a luz da lua, que supostamente descende para iluminar as mazelas dos operários, e a lua cheia, que existe em cada coração de operário e o "ilumina de uma nova esperança" (p. 74). Já em "Calundas de Joana", também crônica, o autor solidariza-se com Joana, que foi estuprada aos 16 anos, tornando-se mais tarde uma alcoólatra: "alcooliza embora, por não poder resistir tão só dentro de sua loucura, ela, contudo, prosseguia viril, implacável como um destino, ela resistia" (p. 86). Em "Núpcias adiadas", conta, João e Ginoca não conseguem alugar uma casa por serem negros, no último diálogo entre o casal ele afirma: "... a praia é nossa, o mar é nosso, a lua é nossa... Vamo-nos amar ao luar numa canoa da ilha (...). Ximbicarei na baía onde se refletem todas as luzes dos arranha-céus, e o nosso filho, gerado nessas horas de contemplação, nascerá como um muzaledi (defensor) com os olhos cheios dos nossos sonhos frustrados..." (p. 131).

Assim a condição de miserabilidade é veiculada em dois níveis: num primeiro como forma de valorização social do setor marginalizado, que suporta heroicamente as misérias da opressão; num segundo, ela é revertida em situações e saídas positivas e ideais para os personagens marginais. Neste sentido, na medida que não encontram saídas concretas para estes, os contos e crônicas de Arnaldo Santos são mistificadores.

Os melhores contos são justamente aqueles em que se estabelece o conflito e não é resolvido de forma idealista. Como é o caso dos contos "Exame de primeira" e "A menina Vitória".

Tecnicamente, a estrutura narrativa dos contos e das crônicas é simples, linear; somente em "No rastro dos bengalinas" e "Na terra dos catumbes" a linguagem real-naturalista é rompida, lembrando-nos, algumas vezes, a de *Grande sertão: veredas*. Mas, ao contrário de J.G. Rosa, Arnaldo Santos a utiliza para descrever, apologeticamente, lugares de Angola.

SANTOS, Arnaldo. *Kinaxixe e outras prosas*. São Paulo, Ática, 1981.

Fernando Gil

## FÓRMULA COERENTE, MAS GASTA

A vida verdadeira de Domingos Xavier é um romance ambíguo. Em parte ligado à tradição cultural urbana angolana, parte vinculado à visão positiva típica do Realismo Socialista, que lança um olhar laudatório àquela tradição.

A apresentação dos traços culturais dos negros urbanos segregados no musseque (a favela angolana pré-libertação) é cuidadosa. A comida, as festas, a fala repleta de "erros" a escandalizar os gramatiqueiros de plantão não surgem como folclore, mas dentro da ação, participando do cotidiano da comunidade. Personagens como velho Petelo e Xico João são coerentes e verossímeis. A ótica positiva utilizada pelo autor não faz com que percam suas características humanamente diversificadas.

Já o povo, isto é, a parte da população não cooptada pelo sistema colonialista, é apresentado como homogêneo, sem contradições. Nenhuma referência a tribalismo, tentativas de ascensão social, etc. Mussunda, o líder alfaiate, é um herói sem máculas. Domingos Xavier, que morre em consequência de ferimentos sofridos sob tortura, é tão louvado que chega a ressuscitar para a "vida verdadeira no interior do coração do povo angolano".

Qualquer semelhança com o Jorge Amado de Caminhos da liberdade não é mera coincidência. É a mesma visão de mundo ingênua, às vezes maniqueísta, criadora de obras que terminam por encobrir boa parte das condições que levam a esquerda a lutar pelo poder e, quando possível, alcançá-lo.

VIEIRA, José Luandino. A vida verdadeira de Domingos Xavier. São Paulo, Ática, s.d.

Homero José Vizeu Araújo

## LUTA NA SELVA

Mayombe é a floresta tropical de Cabinda, uma região de Angola. Mayombe é a saga de um grupo de guerrilheiros que procura iniciar a ação política e bélica na região citada, ainda intocada pela agitação social da Angola do fim dos anos 60 e início dos 70. A narrativa oscila entre o intrincado feixe de relações pessoais dos guerrilheiros e a luta coletiva, em uma tensão que desaparece só quando Pepetela constrói longos diálogos, entrando seus personagens em prolixas discussões.

Pepetela não é um louvador deslumbrado da REVOLUÇÃO SOCIALISTA. Os trechos francamente encomiásticos da ação guerrilheira — a identificação dos guerrilheiros com um sincrético "Ogum-Prometeu", por exemplo — surgem em poucos momentos. Pepetela preocupa-se antes com as dificuldades inerentes à guerrilha e à política: a covardia, a indiferença, a burocracia corrupta e imobilista, a rivalidade pelas posições-chave entre os guerrilheiros, o tribalismo gerador de conflitos, etc. A visão do autor, contudo, é otimista. Ele enxerga os obstáculos dentro do quadro de um movimento social transformador que cumprirá seu destino apesar da complexidade do real e, muitas vezes, devido a ela. Os dois personagens principais do livro, o Comandante Sem Medo e o Comissário Político, são homens que se debatem contra a realidade reconhecendo a contingência e limitação de seus atos, mas insistindo em levá-los a efeito. É a perspectiva de quem luta confiante em sua capacidade de vencer.

Graças à percepção da complexidade do real, Sem Medo torna-se um líder altamente qualificado. No contato com seus comandados, ele está sempre alerta para o im-

ponderável que pode surgir a qualquer momento das reações dos guerrilheiros. É também esta percepção que permite a Sem Medo que relativize seus próprios valores e adquira distanciamento dos mitos e ideais socialistas. E Pepetela — consciente ou inconscientemente, não vem ao caso — explica socialmente Sem Medo: o personagem é um marginal. Apesar de ocupar um posto de chefia, Sem Medo sabe que jamais se adaptaria a um alto posto na hierarquia do novo Estado que a revolução forjará em Angola. Ele próprio reconhece que é antes de mais nada um guerreiro. Por isso Sem Medo não nutre e até mesmo ridiculariza a retórica otimista e mistificadora de seus companheiros de luta. Retórica, todavia, que ele reconhece como necessária para efeito de arregimentação e propáganda.

SANTOS, Arthur Maurício Pestana dos — Pepetela. Mayombe. São Paulo, Ed. Ática, 1982.

Homero José Vizeu Araújo